



Resíduos Urbanos

Continuam os desafios para a sua redução!

Foto: canva.com

Transformar Resíduos Industriais em materiais circulares

O ISQ é um dos parceiros do projeto europeu ICARUS, uma iniciativa revolucionária que pretende dar uma nova vida a resíduos industriais e acelerar a transição verde e digital da indústria europeia.

Financiado em cerca de 10 milhões de euros pela União Europeia ao abrigo do programa Horizon Europe, o ICARUS junta 18 entidades de 7 países, sob a liderança da multinacional espanhola ACCIONA, com o objetivo de transformar resíduos em novos recursos circulares para setores intensivos como o da construção e o aço.

O projeto responde a necessidades concretas de mercado, promovendo a sustentabilidade em dois sentidos: por um lado, ao disponibilizar novos materiais circulares para setores intensivos em recursos como a construção e o aço; por outro, ao apoiar a valorização de resíduos gerados por indústrias como a refinação de lítio, siderurgia e produção de produtos de higiene absorventes. Esta abordagem permite reduzir a dependência de matérias-primas virgens e minimizar os impactos ambientais associados à gestão de resíduos.

O ICARUS irá demonstrar tecnologias inovadoras para o reaproveitamento de três fluxos de resíduos: escórias siderúrgicas, celulose proveniente de produtos de higiene absorventes e resíduos da extração e refinação de lítio. Estes materiais serão transformados em componentes funcionais ou materiais de base para aplicações na construção e cerâmica.

“O papel do ISQ é crucial: lidera o desenvolvimento do Passaporte Digital do Produto, alinhado com o novo Regulamento Europeu de Conceção Ecológica para Produtos Sustentáveis, e contribui com soluções para novos modelos de negócio circulares, estratégias de formação e avaliação de ciclo de vida dos materiais e processos criados”, sublinha Cristina Ascenço, gestora do projeto no ISQ.

Fonte: www.ambientemagazine.com

DESTAQUE

Inovação na Gestão de Resíduos Urbanos

A União Europeia definiu metas ambientais ambiciosas para os próximos anos. O Pacto Ecológico Europeu e o Plano de Ação para a Economia Circular exigem uma redução drástica da produção de resíduos, o aumento significativo das taxas de reciclagem e a digitalização dos serviços públicos ambientais.

Portugal, como Estado-membro, tem compromissos claros: reduzir os resíduos urbanos depositados em aterro para um máximo de 10% até 2035 e aumentar a preparação para reutilização e reciclagem de resíduos urbanos para, pelo menos, 65% no mesmo prazo.

Para atingir estes objetivos, não bastam boas intenções. São necessárias soluções concretas, e é precisamente isso que a Resíduos Smart+ propõe: um novo paradigma de recolha, monitorização e planeamento dos resíduos urbanos, com forte base tecnológica.

Durante décadas, o modelo de gestão de resíduos manteve-se praticamente inalterado. A produção de resíduos era acompanhada da deposição em contentores tradicionais, cuja recolha era feita com base em circuitos fixos e frequências pré-definidas.

O modelo Smart+ aposta numa abordagem inovadora, recorrendo a plataformas de gestão e sempre que possível a sensores de enchimento.

NOTA:

O texto aqui resumido é da Aquapor e foi publicado na edição 111 da Ambiente Magazine, que recomendamos a leitura integral.

O Futuro das Peças Usadas

Vivemos numa sociedade ainda muito marcada pela dicotomia entre, por um lado, a preocupação de consumir de forma cada vez mais verde e sustentável e, por outro, a necessidade de gerir orçamentos pessoais e familiares cada vez mais apertados.

Esta dicotomia existe porque, de um modo geral, optar por produtos sustentáveis significa comprar mais caro e existem, inclusivamente, vários estudos que procuram perceber a disponibilidade do consumidor em pagar mais por produtos que reflitam a sua preocupação com o meio ambiente e as gerações futuras.

E é, também, por isso que várias empresas tendem a desvalorizar a sustentabilidade como critério de decisão no momento da compra. Isto porque, pensam, o preço fala mais alto na cabeça dos seus clientes. Não estão totalmente enganadas. Se é verdade que ainda há clientes para quem o impacto ambiental das suas compras é irrelevante, também o é que existe um outro segmento, em crescimento, para quem a sustentabilidade é o principal fator de compra. No entanto, a maioria das pessoas e empresas encontram-se num “messy middle”, procurando conciliar o extrato da sua conta bancária com, aqui e ali, escolhas responsáveis.

Felizmente, o crescimento exponencial da economia circular está a ajudar a quebrar essa dicotomia. Os consumidores perceberam mais rapidamente do que a maioria dos governos e empresas que era possível simultaneamente poupar na carteira e no ambiente, sem comprometer a qualidade. Das roupas aos telemóveis, vários mercados informais têm vindo a ser estruturados, profissionalizados e transformados em negócios de milhões.

Os centros de abate de veículos de fim de vida, nome tecnocrático para as sucatas espalhadas pelo país fora, são um excelente exemplo disso mesmo. Durante muito tempo alvo de estigma, estas PME's de base familiar prestam um serviço indispensável à sociedade, possibilitando que milhares de peças automóveis originais usadas – as chamadas peças “verdes” – sejam reintroduzidas na economia, poupando diariamente e em simultâneo, CO2 equivalente a milhares de viagens de avião, e milhões de euros aos consumidores portugueses.

No entanto, as peças “verdes” tardam em ser vistas como oportunidade pelos legisladores, pelo regulador e, até mesmo, pelo setor segurador, apesar de se ter registado um novo aumento do custo com sinistros automóvel no primeiro trimestre de 2025, desta vez de 9% comparativamente com o período homólogo.

Está na hora de os decisores políticos e do regulador avaliarem o modelo adotado em França, onde, desde 2019, a lei obriga as oficinas a incluir uma opção verde nos orçamentos de reparações fora da garantia – a intervenção por via legislativa fez com que a percentagem de sinistros com aplicação de pelo menos uma peça verde passasse, apenas em 4 anos, de 9% para 17%.

Do mesmo modo, as seguradoras portuguesas podem e devem inspirar-se em modelos adotados noutros mercados.

Fonte: www.ambientemagazine.com - (Sugerimos a leitura completa do artigo)



DESTAQUE LEGISLAÇÃO:

DL 89/2025 de 12 Ago

– Regime de Emissões Industriais atualizado

DL 93/2025 de 14 Ago

– Regime Jurídico da Mobilidade Elétrica

ALERTAS ÚTEIS:

REGRESSO DE FÉRIAS

“Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje”

Neste período pós-férias deixamos aqui alguns tópicos para reflexão:

- **Entrega de Resíduos** - Até ao final do ano vai ser necessário entregar os seus resíduos ainda acondicionados. Não deixe para o final do ano pois os Operadores de Resíduos nessa altura são mais requisitados e podem não atender a tempo o seu pedido.
- **Registo de Gases Fluorados** - Apesar de ir ser pedido apenas em Janeiro de 2026 os registos do ano corrente não deixe o preenchimento dos mapas já seus conhecidos em falta apontado mensalmente os trabalhos realizados.
- **Arquivo de eGARs** - Atenção não só ao arquivo como às validações que possa estar em falta.

SAIBA MAIS:

COMEMORAÇÕES DO MÊS:

7 - Dom - Dia Internacional do Ar Limpo
18 - Qui - Dia Mundial da Monitorização da Água
22 - Seg - Dia Europeu sem Carros